

Obrigada. É bom estar aqui convosco esta manhã!

Vou falar a partir deste lugar onde agora estou: estou com os escolásticos (jesuítas em formação) e estamos a viver um momento de grande encorajamento para estes dias em que recomeçamos a seguir em frente... amanhã daremos início ao desconfinamento. Reduziremos o confinamento - apesar de ontem, ao nos aproximarmos do desconfinamento, os casos terem triplicado. Por isso, esperam-nos desafios e precisamos de força. E essa força, acredito eu, vem-nos da memória: damos valor a certas experiências na vida e é aí que podemos ir buscar esperança. Por isso, como este é o tempo do Pentecostes, tentemos ver, olhando para as nossas vidas, onde é que está a presença do Espírito.

Então, desde o princípio dos princípios, aquelas belíssimas e criativas palavras foram ditas no Génesis: o Espírito de Deus pairava sobre as águas. O sopro de Deus. Estas palavras impregnam a terra da experiência do Uno, Belo e Verdadeiro. Nem sempre nos apercebemos mas hoje o salmo é um salmo cantado na colheita. Tu envias o teu espírito, o teu sopro, e começa uma vida renovada. Continuamente renovas a terra. E é daí que vem o salmo “vem, Espírito Santo, renova a face da Terra”. Dizia-se isto nos tempos de colheita, para que pudesse haver a promessa de uma nova colheita no ano seguinte. Era pedido ao Espírito que abençoasse, renovasse a fertilidade e vida. Agora, pedimos ao Espírito que renove a Igreja e a vida que encontramos em Cristo. Hoje, também, o Espírito inspira os Apóstolos com o que dizer. Isto é muito importante à medida que avançamos. E o Espírito dá força, vida, faz-se presente, testemunha. E o Espírito dá tudo o que há de bom. O Espírito está entre nós na comunidade quando estamos a abertos, em escuta. O espírito guia a comunidade para um sentido mais profundo e uma partilha mais profunda na Glória de Deus. Onde somos levados a trabalhar em conjunto, sentindo que o espírito está presente e é partilhado. Por vezes, experimentamos o Espírito nos conflitos, quando alguém fala abertamente, sem medo ou julgamento, procurando integridade e no entanto enfrentando rejeição. Frequentemente, quando mentes ou teorias estão em conflito, a razão não consegue fazer a ponte. Há uma quebra na compreensão. É preciso a experiência do sofrimento dos outros para que essa dê testemunho da verdade e se torne a ponte. Isto é o que vemos na Amazónia, na história da Amazónia. As histórias das pessoas partilham a humilde realidade humana e as consequências que devem ser abordadas. E é nisto que podemos ouvir a voz do Espírito.

E então, o que é que nós pedimos ao Espírito no meio desta pandemia? No princípio desta semana vimos Jesus na festa do Tabernáculo (banquete do Tabernáculo) a falar do Espírito. Este é um dos lugares mais belos de todos. João relaciona a Liturgia judaica com a Terra, a toda a hora, mas nós não reparamos. Mas a festa do tabernáculo (ou das Tendas) é uma celebração da instável vida migratória dos Israelitas na travessia do deserto. Eles não tinham pão. Nem tinham carne durante a jornada por muitas vezes. E por vezes até a água lhes faltava. Era uma vida onde faltava muitas vezes o que há de mais básico e em que se sentia as tensões de um destino incerto. É isto o que vivem hoje milhões de refugiados. Quando os Israelitas chamavam por Deus, Deus respondia-lhes através da criação. O Maná e as codornizes, a rocha como uma fonte de água. É uma cena

lindíssima! E Jesus fala do Espírito neste contexto, para que eles se ligassem à Terra de onde vêm. E de novo, no Evangelho de João a escritura diz “d’Ele brotarão fontes de água viva”. E aqui fala do Espírito que aqueles que acreditavam em Si receberiam. O contexto em que Jesus fala é este dizendo que Ele é fonte de água viva no deserto. Por isso, temos que estar preparados para o deserto.

As pessoas vêm à Casa Velha sempre que [tu, Margarida Alvim] estás em casa. Vêm sabendo onde é que estão em paz e são recebidas por uma comunidade. Em Bendum, onde eu estou a maior parte do meu tempo, as pessoas são alegremente recebidas pelas crianças e a juventude na escola, pela pequena comunidade do monte. Diariamente, estas pessoas experimentam expressões de gratidão pela vida que lhes são oferecidas criativamente através da cultura e através das práticas de cuidado pela terra. A nascente ciência contemporânea explica estas práticas de cuidado pelas diversas coisas vivas como relacionais - e não como práticas sobre objetos. Aqueles que cá vêm podem compreender de novo o sentido de pertença à Terra, sentido que tinham os antepassados cujos nomes e gerações já não conhecemos. Mas aqui, o contexto cultural da terra é forte, tal como é na Casa Velha, e isto é memória e é a base da esperança.

Há o contexto cultural mas há também cada manhã, tal como é inspirada pela luz da aurora, e é saudada pelos sazonais rios de nuvens sobre os vales. É assim que compreendemos o Espírito soprando por onde Ele quer, enquanto estivermos abertos. Somos chamados sobretudo nesta experiência do Pentecostes a estarmos abertos. A não estarmos centrados em nós mesmos.

O propósito da Balay Laudato Si e o propósito da Casa Velha e do Campus de la Transition por entre tantos outros é o convite a reunir tudo o que está a amanhecer, todo o sentido de identidade e de pertença que nos vem quando refletimos sobre as nossas vidas. E para descobrirmos a melhor forma de o viver, não para nós mesmos mas na visão maior do *buen vivir*, um bem viver que é para todos. O coração da Balay Laudato Si exprime-se aberto a todas as fés, à vontade do Criador e à missão de Jesus Cristo, pelo bem da Humanidade e do Universo. Muitas vezes esquecemos o universo. Este é um poderoso desejo para um lugar tão pequeno. Balay Laudato Si está sempre a começar. Sempre aberta ao humano e ao horizonte espiritual, aos dons da cultura e da diversidade. E no processo, inclui toda a humanidade na resposta ao plano de Deus para o Universo.

Então, porque somos amados podemos começar a cuidar. O cuidado é o oposto do meu querer. Quereres desses levam-me e põem-me no centro daquilo que eu quero construir. Cuidado é aquilo que sai de mim. Cuidado é o que experimentamos no relacionamento exclusivo de uma vida inteira com um ente querido. É uma contínua dádiva de si. Não é mensurável. O cuidado pela criação, pela casa comum, é, de novo, o cuidado de coexistência. Pelo bem do outro. Se levarmos isto mais longe no âmbito da nossa fé, compreendemos a abertura e o sentido profundo do despojamento de si. Se não nos esvaziarmos de nós mesmos não estaremos ainda prontos a receber a Graça do Espírito.

Muitos de nós, que nos fomos cruzando várias vezes, caminhamos. Caminhar não é apenas falar; é estar em relação, em abertura. Somos afetados pela terra sobre a qual caminhamos e por

aquilo que vemos; partilhamos essa relação. Incluímos a terra na nossa conversa. Pode ser esgotante, caminhar pelas subidas e descidas da montanha, mas realiza-nos. De alguma maneira há um dar e um receber. Vemos as pessoas a trabalhar na terra também revela uma forma de relação. Tudo é feito com um propósito. Quando se trabalha na terra não há desperdício. Há um contínuo ciclo de ação e de espera, de crescimento e de dormência. O dia tem um ciclo e podemos simplesmente ver as relações e o contexto de uma maneira que não transforma em objetos as pessoas ou a paisagem. Não os removemos de onde estão mas relacionamo-nos com eles e coexistimos com eles. Eu talvez não possa sentir o mesmo na cidade ou talvez possa ter perdido o sentido de relação mas aqui posso renová-lo em simplicidade. E quando trabalho no jardim na Casa Velha ou no meu quintal ou nas áreas florestais há uma exaustão, e há uma reciprocidade, um retorno, tal como no sentido do cuidado. O cuidado também acontece nas nossas conversas e em todos os meus gestos para com tudo aquilo com que estou em contacto. E é isto que achamos difícil expressar mas é tão bonito. Quando olhamos o pôr-do-sol ao entardecer é uma experiência universal de cuidado. Quando vemos as estrelas à noite, tudo isto nos fala numa linguagem que nos é familiar mas que não podemos expressar no “pensar” deste mundo.

A experiência espiritual é a de não estar enredado. Quando estou na Casa Velha a caixa de ferramentas pode estar desarrumada, mas nós não estamos. Não estamos distraídos. Maravilhar-me sob o céu da manhã, aqui, é natural porque tenho tempo para o receber e para expressar gratidão. Nós vivemos ao longo de corredores de prédios altos: sim, acreditamos que há por aí um amanhecer mas quando estamos num lugar de simplicidade não é só o lugar que é simples mas também nós o somos. Estamos focados, centrados, disciplinados e é uma disciplina natural. Se estivermos disciplinados desta maneira estaremos abertos à Graça. Isto é muito bonito; é disto que se trata a felicidade. Verdadeiramente abertos e capazes de celebrar o facto de estarmos com outros. Não celebrarmos o sucesso, mas antes aquilo que o mundo habitualmente vê como fracasso ou irrelevante. Esvaziarmo-nos de nós mesmos não é alcançado através da constante auto-crítica ou rebaixamento. Este esvaziar de si alcança-se através de humilde abertura e dos dons do Espírito. Estão juntos. Nem se trata de resolver problemas e nada tem que ver com perfeição. Tem que estar ligado a sermos capazes de ver o horizonte. É por isto que adoramos olhar o horizonte e o nascer do sol. Faz-nos sair de nós próprios. Podemos ser tocados.

Somos pessoas muito vulneráveis. Somos, na verdade, pessoas de casca dura e é muito raro que realmente deixemos a luz entrar. Experimentamos isto, sobretudo, quando cuidamos, não o conseguimos experimentar quando somos usados - sabemos quando estamos a ser usados ou enganados- mas é quando cuidamos, queremos bem. Cuidado é quando experimento o outro, quando percebo que procuro coexistir com ele e reconheço como é que o posso ajudar e cuidar dele. É uma dinâmica natural, o eu deixa de interessar. O outro já não é objeto. O outro nunca é algo a ser usado mas é sujeito e coexiste. É isto que a criação é. Isto é o que nos diz a mensagem da Laudato Si. Isto é a coexistência. E isto não se encontra no mundo atribulado/ocupado em que hoje vivemos. É a vivendo que aprendemos a cuidar e agimos. Por vezes as pessoas têm que trabalhar porque precisam do dinheiro de forma a sobreviver mas o seu trabalho é horrível. Mas

há vezes em que o trabalho não é só o pelo trabalho em si mas porque nele cuidamos e somos cuidados, e aí o trabalho não é um alien nem é separado da minha vida. É edificante e eu cresço. É a isto que eu tento encorajar os professores de Bendum a fazer. Não venham cá só para ter nove meses de experiência de ensino para poderem ter depois um trabalho do governo e receber um trabalho cinco vezes maior. Enquanto aqui estiverem amem simplesmente aquilo que fazem e isso mudará a vossa vida. Com ou sem o dinheiro, quanto a isso tudo bem/that's fine, mas apreciem realmente o trabalho que fazem. Muitos dos professores regressam e choram e dizem “nunca cheguei a perceber Bendum enquanto cá estive”. É muito difícil estar aberto ao amor. Há uma linguagem do cuidado. E essa linguagem é o mistério e a mestria do serviço.

Então, como é que vivemos as tensões? Tudo isto é uma experiência belíssima, mas enquanto olhamos para ela, as tensões crescem, é muito perturbador. Neste confinamento têm havido momentos muito perturbadores, temos que os pôr no seu lugar. Temos que encontrar a disciplina que nos centra. E não estar sempre em controlo. Temos que estar concentrados para cuidar e compreender o que é aquilo que mais nos importa na vida. Esta é uma altura para muitos de vocês de discernirem aquilo que vos é o mais importante na vida. É um tempo muito bonito, uma altura muito vulnerável. E é um tempo, acima de tudo, de conversão. É um centramento que traz simplicidade ao meu movimento. O simples exame como processo inaciano. É um belíssimo verificar do dia perguntando “o que fiz eu? O que estou a fazer? O que é que escolho fazer, com liberdade, a partir da graça?” E a partir daqui reflito sobre as ambiguidades, a relação espiritual com a comunidade. Esta relação espiritual com a comunidade é essencial porque é daqui que a maior parte das ambiguidades surgem, e a maior parte das dificuldades. E se torna, por vezes impossível. E é aqui que são necessários todos os dons de paciência do Espírito. E é realmente aqui que encontramos os horizontes espirituais e humanos de despojamento de si.

E então, como podemos nós sonhar? Estamos todos a participar enquanto tomamos parte neste caminho, tal como foi o caminho pela Amazónia [o On The Way]. Que resposta dou a este apelo a cuidar da casa comum? Como é que me fala a narrativa da Querida Amazónia, quando estou eu aberto à Graça do Espírito? Quais são os meus sonhos inspirados pelo Espírito e afirmados em comunidade? Precisamos de ser inspirados pelo maior horizonte humano e espiritual daquilo que queremos ser. Devemo-nos lembrar de que partilhamos na força da promessa de Deus de vida, vida plena, e de que o sofrimento que vemos não tem a última palavra. É por isso que o Espírito é o defensor, o Espírito dá testemunho da promessa e da plenitude da vida. Amen.

Pedro Walpole é padre jesuíta e Director de Pesquisa do Institute of Environmental Science for Social Change, na Universidade Ateneo de Manila, Filipinas e Coordenador da Comissão «Reconciliação com a Criação» para a Conferência Jesuíta da Ásia-Pacífico (JCAP). É também o coordenador geral da plataforma EcoJesuit.